

A sensibilidade como fator gerador da ação moral: uma possível aproximação entre Hume e Levinas*

Sensibility as a generating factor of moral action: a possible approach between Hume and Levinas

Eder Carlos de Oliveira **

Resumo

O presente artigo se propõe descrever elementos da reflexão filosófica sobre a moral em David Hume e Emmanuel Levinas referentes ao sentimento e, a partir dessa descrição, evidenciar pontos de proximidade e de distanciamento entre as duas perspectivas. A sensibilidade, entendida como impressão sensível gerada pela proximidade de um ser humano diante de outrem, sobretudo de seu sofrimento, é um fator que aproxima os dois filósofos.

Palavras-chave: Hume; Levinas; moral; sensibilidade; sofrimento.

* Artigo recebido em 18/10/2019 e aprovado para publicação em 26/11/2019.

** Mestrando em Filosofia pela FAJE (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia). Endereço eletrônico: pazeder@hotmail.com.

Abstract

The present article sets out to describe elements of philosophical reflection on morality in David Hume and Emmanuel Levinas concerning feeling, and from this description to point out points of proximity and distance between the two perspectives. Sensitivity, understood as the sensitive impression generated by the proximity of a human being to others, especially of their suffering, is a factor that brings the two philosophers closer together.

Keywords: Hume; Levinas; morality; sensitivity; suffering.

Introdução

A história da Filosofia foi marcada, sobretudo a partir do Iluminismo, pelo predomínio da razão como forma de conhecimento e critério da verdade. Nem sempre a razão, por ela mesma, é capaz de responder às questões humanas fundamentais, como o sentido do agir, da ética e da moral. É possível, por isso, notar, na história do pensamento filosófico, autores que, mesmo em épocas e contextos absolutamente distintos, destacaram o sentimento como elemento de valor na questão da ética e da moral. Destacar dois desses autores e investigar se há proximidade entre eles, no aspecto aqui mencionado, corresponde ao intento deste artigo.

David Hume e Emmanuel Levinas, o empirista escocês do século XVIII e o fenomenólogo lituano judeu do século XX, haverá proximidade entre eles no que se refere à moral? O sentido da sensibilidade humana é um fator presente no pensamento ético e moral dos dois. Porém, em que sentido e de que modo se dá essa aproximação? Quais são as distinções e as similitudes entre eles? Ademais, que elementos se pode inferir da contraposição entre os dois filósofos e que constituiriam uma contribuição para a reflexão ética atual? Estes questionamentos motivam a reflexão deste artigo.

Faz-se necessário, nesta introdução, clarificar em termos gerais, a relação entre os conceitos *ética* e *moral*. Moral diz respeito à ação humana concreta, ao sentido e ao “porquê” das atitudes. Ao passo que a ética refere-se ao aspecto reflexivo da moral, à sua parte teórica. Neste sentido, no presente artigo é dada atenção especial à questão moral.

Porém, dado que os dois filósofos aqui trabalhados, especialmente na perspectiva contemplada por este artigo - o papel do sentimento, sobretudo em relação ao sofrimento humano, no surgimento da ação moral -, não elaboram teorias éticas abstratas, vale fazer uma consideração: Hume e

Levinas abordam, cada um a seu modo, aspectos relacionados à experiência humana concreta. Evidentemente, não apontam “regras práticas”, o que corresponderia a um código moral, mas enfocam a dimensão humana do sentimento, tal como esta se manifesta. Assim, neste artigo, os termos *ética* e *moral* são tomados neste sentido próprio dentro do qual os dois autores em questão os abordam.

Como percurso metodológico, procede-se da seguinte maneira: feita uma apresentação geral do pensamento dos dois autores, no que se refere ao papel do sentimento na questão ética, descreve-se, como foco na perspectiva citada, as diferenças e as proximidades entre ambos. A seguir, dá-se destaque à questão do sofrimento humano. Investiga-se o papel deste no impulsionar da ação moral, a partir da sensibilidade.

1. A questão do sentimento na fundamentação da moral em Hume

David Hume é considerado, no campo da filosofia moral, como sentimentalista. Há, na obra deste autor, o intuito de afirmar os sentimentos como fator que fundamenta e faz nascer a ação moral. Ele se opõe a ideia de que seria a razão, o fundamento da moral.

Hume afirma que os filósofos da Antiguidade indicam que é o sentimento o fator do qual deriva a existência da moral. O filósofo em questão entende que o esforço dos pensadores modernos em tentar demonstrar a origem da moral, a partir de reflexões abstratas, causou confusão e controvérsias (HUME, 2004, p. 226-227).

Contrapondo-se à corrente racionalista, ele afirma:

O que é honroso, o que é imparcial, o que é decente, o que é nobre, o que é generoso, toma posse do coração e anima-nos a abraçá-lo e conservá-lo. O que é inteligível, o que é evidente, o que é provável, o que é verdadeiro, obtém somente a fria aquisição do entendimento e, satisfazendo uma curiosidade especulativa, põe um termo a nossas indagações (HUME, 2004, p. 229).

O filósofo citado não desconsidera o valor da razão para o entendimento humano, sobre as coisas. O que ele defende, no que se refere à origem da moral, é que a razão não pode mover o ser humano. Os sentimentos, ao contrário, imprimem tal pulsão na pessoa que a partir disto ela se mobiliza em torno de uma ação moral de uma forma imediata. A razão pode conduzir ao frio entendimento das coisas, mas não pode jamais gerar a ação moral, que somente pode ser gerada pelas sensações a respeito de situações experimentadas como boas.

2. Levinas e a ética a partir da alteridade

O pensamento levinasiano é conhecido por seu enfoque na questão da alteridade. Dele se infere muitas reflexões sobre a ética e a moral. De fato, para Levinas, a ética (entendida como modo de conceber a relação intersubjetiva, a saber, certo modo de “ver” o outro) se origina nas relações intersubjetivas. Ou seja, é na experiência do encontro do humano como o outro é que surge a ação moral.

É necessário destacar - ao analisarmos a questão da ética em Levinas, no que se refere ao aspecto da sensibilidade - que o autor é influenciado fortemente pela Fenomenologia. Este método filosófico, orientando que se deve analisar o fenômeno, ou seja, aquilo que se manifesta, que aparece, marcou a trajetória intelectual de Levinas.

O fato da Fenomenologia ser entendida como uma tentativa filosófica de superar o Idealismo - aquela filosofia, da qual Hegel é representante expressivo - voltada fortemente para o abstrato, ou seja, para as ideias, é um dado importante na compreensão do modo como Levinas entende a ética. De fato, o referido filósofo não desenvolve um sistema ético formatado a partir de inferências abstratas, à moda kantiana, mas destaca a experiência do encontro humano que se dá na alteridade como fator gerador, na subjetividade, de um sentido ético.

No que se refere especificamente à questão do encontro com o outro, no aspecto da sensibilidade que desperta a ética, Levinas usa o termo “proximidade”. Nodari (2016, p. 190-192) explica que, em Levinas, a proximidade significa a experiência de sensibilidade que a relação com o outro provoca. Esta experiência envolve a subjetividade de uma forma tal que a move no sentido do despertar para a responsabilidade para com o outro. O sujeito é impelido pela inquietude, que a experiência da proximidade provoca.

Vale aqui destacar que em uma de suas principais obras, *De Outro Modo que Ser ou Para Além da Essência*, que expressa uma filosofia amadurecida de Levinas em seu percurso filosófico, o capítulo 3 é dedicado à temática da sensibilidade e da proximidade. Diz Levinas: “A proximidade não é um estado, um repouso, mas precisamente inquietação, não-lugar, fora do lugar do repouso, que perturba a calma da não-ubiquidade do ser, que se faz repouso num lugar e, por conseguinte, é sempre proximidade insuficiente, tal como um abraço” (LEVINAS, 2011, p. 99-100).

O efeito que a proximidade realiza na subjetividade é, para Levinas, de tal modo intenso que o sujeito é envolvido profundamente a partir do encontro com o outro. E esta experiência de proximidade - que é em si mesma sensível e não racional - gera um sentido ético no sujeito.

3. Diferenças e aproximações entre Hume e Levinas a respeito do sentimento moral

Nesta parte do artigo serão descritos pontos nos quais os dois autores divergem e nos quais eles se aproximam, no que diz respeito à questão do sentimento na moral. Entre os pontos de aproximação, a sensibilidade como fator que gera a moral, sobretudo na aproximação do sofrimento de outrem, é tomada como o principal para articular, nesse aspecto específico, o empirista escocês e o fenomenólogo lituano.

Evidentemente, realizar um comparativo entre os dois filósofos em questão é tarefa complexa e extensa, que extrapola largamente o propósito deste artigo. Por isso, vale reforçar por questão de delimitação temática, vamos abordar, especificamente nos dois autores, pontos referentes ao sentimento moral. Seleccionamos, a partir da perspectiva adotada neste trabalho, os elementos principais deste comparativo específico, que são descritos a seguir.

3.1 Diferenças entre Hume e Levinas no aspecto do sentimento moral

Pode-se dizer que o primeiro ponto evidente de diferenciação entre Hume e Levinas, no que se refere ao sentimento moral, é o significado do outro (ser humano). Para Hume, o outro é uma realidade natural, uma constituição física da qual se pode fazer experiência. Fiel à sua postura naturalista, Hume entende a outra pessoa como aquela a qual se encontra uma expressão da realidade natural empírica. Para Levinas, o outro é uma instância transcendente (por não ser possível abarcá-lo pelo pensamento). Ele, o outro, constitui, em Levinas, a realidade que questiona o eu que o encontra, e desperta neste eu a exigência de responsabilidade radical.

Uma segunda divergência é a questão da significação religiosa. A experiência da relação com o outro, em Hume, não possui referência religiosa¹. Não há a preocupação, neste autor, de extrair elementos da experiência religiosa para elaborar ou justificar a questão da moral e da ética. É digno de nota que na *Investigação Sobre o Entendimento Humano*, na seção 10, Hume trata dos milagres. Para ele, dado que não há evidência empírica de que milagres acontecem, e como estes fundamentam o surgimento da religião e da crença em Deus, então a questão religiosa não possui fundamento.

Em Levinas, ao contrário, há uma perspectiva religiosa subjacente no que se refere à questão da relação com o outro. Vale aqui destacar que toda

¹ Vale destacar que Hume pode ser considerado ateu. Dado que para ele não há evidência empírica da existência de Deus, esta é incerta. Por causa de sua posição, os escritos humeanos foram vistos, de início, com suspeita e ele não conseguiu oportunidade catedrática para lecionar. No entanto, Hume apresentou ao final de alguns de seus escritos a questão de Deus para que sua obra não fosse, apesar do vigor e novidade que trazia, rejeitada.

a filosofia de Levinas tem uma forte influência judaica. Pode-se dizer que Levinas articula, sob alguns aspectos, em sua filosofia, a experiência judaica em suas narrativas e o rigor do pensamento filosófico ocidental (apesar de dirigir fortes críticas a este último, sobretudo no que se refere à ontologia). Em Levinas, no rosto do outro está refletida a palavra divina que convoca à responsabilidade ética. Para o lituano, Deus não está presente no outro (como entende a visão cristã) mas, como é próprio no judaísmo o respeito à transcendência de Deus e a separação Deste da realidade humana, Ele expressa sua palavra no rosto humano, sobretudo daquele que sofre.

Uma terceira diferença refere-se à utilidade da sensibilidade moral. Em Hume, o sentimento moral, que o contato com o outro humano desperta, tem valor de utilidade social. É de grande proveito ao bem da sociedade que haja a experiência do sentimento, que gera a moral. Sobretudo o sentimento da benevolência e o advindo da justiça - que ocupam as temáticas das seções 2 e 3, respectivamente, da *Investigação Sobre os Princípios da Moral* - são altamente úteis ao bem social. Daí se pode dizer que Hume, neste sentido, além de trabalhar uma moral sentimental, o faz também com cunho utilitarista.

Em Levinas, esta utilidade da moral vinda do sentimento está ausente. Neste filósofo, a ação moral é tratada como a própria constituição da subjetividade. Esta, ao romper com o círculo da *Totalidade*² e se relacionar com o outro a partir do encontro com ele, se constitui ação ética. A preocupação de Levinas, portanto, não é a utilidade, mas a realização da subjetividade no sentido da alteridade.

3.2 Elementos de proximidade entre os dois filósofos no que se refere ao sentimento moral

Da mesma forma que se descreveram as divergências, selecionando aquelas consideradas pertinentes à temática deste artigo, far-se-ão em relação aos elementos que aproximam o pensamento humenano do lesinasiano, neste item sobre o sentimento moral.

Ambos os pensadores não tratam a ética como uma pura teoria. Tanto Hume quanto Levinas entendem-na como perspectiva de uma realidade humana prática, relacionada à vida. A ética, portanto, não é - para ambos - o fruto de um sistema teórico abstrato sobre o agir humano, mas uma experiência concreta ligada à vida humana. De fato, sabe-se, Levinas afirma a ética como filosofia primeira, mas não no sentido de esta ser a teoria por

² Vale esclarecer que duas são as obras principais de Levinas, pelas quais se pode balizar seu pensamento. São elas: *Totalidade e Infinito* (1961) e *De Outro Modo que Ser ou para Além da Essência* (1972). A segunda aprofunda aspectos da primeira. Na primeira, a subjetividade se constitui ética porque rompe com a *Totalidade* (sistema de pensamento englobador fechado em si mesmo) para o encontro com o outro, considerado no âmbito do *Infinito*, que seja, do que só pode ser tido como gerador de responsabilidade, e nunca abarcado. Já na segunda obra, a subjetividade é entendida como constituída, ela mesma, pela realidade do outro, pois, segundo Levinas, só posso descobrir o meu eu a partir da relação com o outro. Nesta obra, a responsabilidade ética, se torna, portanto, mais radical que naquela primeira obra.

excelência, mas de ser urgência da vida e do pensamento desde quando brota a vida e surge o pensamento. Por isso, Levinas (2017, p. 10) afirma que a “ética é uma ótica”, no sentido de ser um modo originário de enxergar a realidade humana. Ele escreve:

A ética, já por si mesma, é uma “ótica”. Não se limita a preparar o exercício teórico do pensamento que monopolizaria a transcendência. A oposição tradicional entre teoria e prática desvanecer-se-á a partir da transcendência metafísica em que se estabelece uma relação com o absolutamente outro ou a verdade, e da qual a ética é a via real (LEVINAS, 2017, p. 15).

Um segundo ponto, que aproxima o pensamento moral dos dois filósofos em questão, é a sensibilidade advinda do encontro com o sofrimento de outrem. Tanto Levinas, quanto Hume, concebem que a dor de outrem desperta fortemente o sentimento moral que gera ações éticas. Consta na obra humeana o seguinte:

A face humana, diz Horácio, toma emprestados sorrisos e lágrimas da face humana (...). As expressões de pesar e lamentação, embora arbitrárias, inspiram-nos um sentimento de tristeza; mas os sintomas naturais, como lágrimas, gritos e gemidos, nunca falham em produzir compaixão e desconforto. Os efeitos da aflição nos tocam de uma forma tão vívida que não se pode supor que ficaríamos de todo insensíveis ou indiferentes a suas causas quando um caráter ou comportamento malicioso ou traiçoeiro nos fosse apresentado (HUME, 2004, p. 286-287).

O pensamento levinasiano, vale dizer, é marcado por sua trajetória de vida, como acontece, genericamente falando, com os pensadores como um todo. As duas Grandes Guerras aconteceram durante o período de vida de Levinas. A Primeira Guerra Mundial aconteceu quando o filósofo estava na infância. Já a Segunda, o marcou de uma forma mais intensa: Levinas foi prisioneiro em campo de concentração nazista. Desta terrível experiência nasceu *Cadernos do Cativo*, uma compilação de escritos, nos quais o filósofo descreve a realidade ali vivida. Neste escrito, lê-se:

El sufrimiento despierta las almas y, si bien los prisioneros no conocieron los horrores de Buchenwad, hubo un gran sufrimiento en los *stalags* y en los *oflags*. En cinco años, empero, se organizo la vida en los campos (...) Aprendimos la diferencia entre tener y ser. Aprendimos el poco espacio y las pocas cosas que son necesarias para vivir. Aprendimos la libertad. Éstas son las verdaderas experiencias del cautiverio. Sufrimientos, desesperaciones, penas – sin duda. Pero, por encima de todo eso, un nuevo ritmo de la vida. Habíamos

puesto los pies en otro planeta, en el que se respiraba en una atmosfera de combinación y se manejaba una matéria que y no pesaba (LEVINAS, 2013, p. 125-126).³

Esta experiência marcou tanto Levinas que uma de suas obras principais, já citada neste trabalho, *De Outro Modo que Ser ou para Além da Essência*, é dedicada às vítimas do Holocausto durante a Segunda Guerra e aos que sofrem como vítimas de ódio semelhante. Esta influência também toca o modo de Levinas filosofar. A responsabilidade ética, gerada pela relação com o outro, é intensa quando neste outro há sofrimento. Levinas propõe que a subjetividade seja construída no fato do encontro com o sofrer de outrem. Em tom poético, como lhe é próprio, ele afirma:

A ternura da pele é a própria distância entre aproximação e aproximado, disparidade, não-intencionalidade, não-teleologia; donde des-ordem da carícia, diacronia, prazer sem presente; piedade, dor. A proximidade, a imediatez, é fruir e sofrer pelo outro. Mas eu somente posso sofrer e fruir pelo outro porquanto eu-sou para o outro, porque eu sou significação – porque o contato da pele é ainda a proximidade do rosto, responsabilidade, obsessão do outro, ser-o-um-para-o-outro: o próprio nascimento da significação para-lá do ser (LEVINAS, 2011, p. 108).

A partir destas descrições, fica demonstrado o fator comum ao qual se refere ao pensamento moral dos dois autores: o contato com o sofrimento de outrem tem potencial para fazer surgir a moral. A experiência de sensibilidade, provocada pelo contato com a dor alheia, realiza uma função impulsionadora para a vida ética. Este é o ponto de aproximação entre Hume e Levinas que pode-se inferir com mais nitidez. Ele traz uma proposta de reflexão ética e moral que se diferencia de um sistema ético abstrato, desvinculado e distante da realidade humana concreta.

Considerações finais

A partir do exposto neste trabalho, pode-se fazer as seguintes considerações: ambos os filósofos aqui apresentados, cada um a seu modo, concorrem para a superação de um puro racionalismo no campo da moral. A História demonstrou que a pretensão iluminista de que a razão resolveria,

³ O sofrimento desperta as almas e, embora os prisioneiros não conhecessem os horrores de Buchenwald, havia um grande sofrimento nos *stalags* e nos *oflags*. Em cinco anos, no entanto, a vida foi organizada nos campos (...). Nós aprendemos (no campo de concentração) a diferença entre o ser e o ter. Nós aprendemos o pequeno espaço e as poucas coisas que são necessárias para viver. Nós aprendemos a liberdade. Estas são as verdadeiras experiências do cativo. Sofrimentos, desespero, tristeza – sem dúvida. Mas, acima de tudo, um novo ritmo de vida. Nós pusemos os pés em outro planeta, onde respiramos uma atmosfera de combinação desconhecida e lidamos com um assunto que não mais pesava (*tradução nossa*).

praticamente, todos os problemas humanos não se realizou. Isso se aplica também ao campo da filosofia moral, pois, se surgem tantas propostas éticas atualmente é porque a questão de como se deve agir ainda não foi suficientemente resolvida. Ao contrário, problemas éticos de várias ordens permanecem latentes no seio da sociedade. Assim, a questão do sentimento no campo moral, especificamente a proximidade humana em relação ao sofrimento de outrem - já apresentada no século XVIII por Hume e desenvolvida no século XX por Levinas em outra perspectiva -, permanece como uma proposta ética válida e que pode conduzir concretamente a um limite da realidade humana que clama por socorro: o sofrimento humano causado por privações e necessidades materiais básicas.

Ademais, esse ponto comum do pensamento moral humeano e levinasiano, tal como fora descrito no presente texto, pode trazer contribuição para a questão da compreensão do humanismo. Tal humanismo fora, em algumas de suas expressões, aludido ao ser humano em seus direitos individuais e às decorrências destes. Assim, o individualismo e a busca obstinada por conquistas particulares de grupos e pessoas se sobrepõem à necessidade de se pensar o ser humano, em relação ao seu semelhante e às situações de sofrimento e miséria que o atingem. Ficara esquecida, em certas posições do chamado "humanismo", que o mesmo só o pode ser em relação a outro homem. Humanismo que se refere apenas ao interesse humano individual não cumpre a necessidade de pensar o bem do outro, o humano que sofre. Neste sentido, são pertinentes tanto a ideia levinasiana de que o rosto do outro que sofre convoca a ação moral, quanto a consideração humeana de que o contato com o sofrimento humano tem potencial de gerar ações morais eficazmente. As duas perspectivas se unem, neste sentido, para expressar a mesma mensagem ética.

Referências bibliográficas

HUME, David. *Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral*. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

LEVINAS, Emmanuel. *De outro modo que ser ou para lá da essência*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.

_____. *Escrito Inéditos 1. Cuadernos del cautiverio, Escritos sobre el cautiverio, Notas Filosóficas Diversas*. Madrid: Editorial Trotta, 2013.

_____. *Totalidade e Infinito*. 3ª ed. Lisboa: Edições 70, 2017.

NODARI, Paulo César. *Sobre Ética: Aristóteles, Kant, Levinas, Jonas*. 2ª ed. Caxias do Sul-RS: EDUCS (Editora da Universidade de Caxias do Sul), 2016.